



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**JOSIAS SILVANO DE BARROS**

**O CORDEL ENQUANTO LEITURA DE REALIDADE**

Campina Grande  
Agosto/2013

**JOSIAS SILVANO DE BARROS**

**O CORDEL ENQUANTO LEITURA DE REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, na modalidade de artigo científico, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.

**ORIENTADOR:** Dr. Luiz Custódio da Silva

Campina Grande  
Agosto/2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

B277c Barros, Josias Silvano de.

O cordel enquanto leitura de realidade./ Josias Silvano de Barros. – 2013.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Luís Custódio da Silva, Departamento de Comunicação Social”.

1. Literatura de cordel. 2. Narrativa de comunicação 3. Perfil de lampião. I. Título.

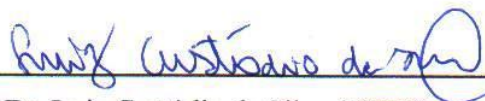
21. ed. CDD 398.5

**JOSIAS SILVANO DE BARROS**

**O CORDEL ENQUANTO LEITURA DE REALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, na modalidade de artigo científico, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.

Aprovado em 20/08/2013.



Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva / UEPB  
Orientador



Prof. Ms. Arão de Azevedo Souza / UEPB  
Examinador



Prof. Dr. Antonio Roberto Faustino da Costa / UEPB  
Examinador

## O CORDEL ENQUANTO LEITURA DE REALIDADE

BARROS Josias Silvano de<sup>1</sup>.

### RESUMO

O cordel, como meio de comunicação, configura-se por ser uma narrativa na qual o cordelista tem a pretensão de travar um diálogo com o leitor. A comunicação entre o sujeito social e o cordelista é marcada pela intencionalidade do cordelista em convencer o público a respeito da possível veracidade de suas narrativas. Assim, este artigo objetiva-se analisar o processo de construção do perfil do cangaceiro Lampião perante a literatura de cordel, ao mesmo tempo em que busca verificar a concepção da literatura de cordel, enquanto narrativa de comunicação. Para tanto, parte-se do método de análise de discurso, haja vista que se trata de um método que tem por base a análise da linguagem, que funciona na relação com o político, com a subjetividade e com a ideologia. Nestas concepções, identifica-se que a dualidade que rege a construção da figura do cangaceiro Lampião na literatura de cordel é condizente com as questões subjetivas dos autores/cordelistas. Portanto, para alguns, Lampião foi “rei”, justiceiro, vingador, “herói”, para outros, um bandido sanguinário e desordeiro. Um jogo de complexidade que mexe com o imaginário popular.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel, narrativa de comunicação, perfil de Lampião.

### 1 INTRODUÇÃO

Cantadores de viola, repentistas, emboladores de coco e cordelistas representam a memória viva da cultura nordestina. Grande parte deste tipo de artista popular se destacou mais intensivamente no início do século XX, durante as narrativas de fatos de natureza corriqueira no teatro místico chamado sertão. Essa forma antológica de referenciar os personagens nordestinos ganhou significativo destaque na Literatura de Cordel, principalmente no que cerne as descrições surrealistas do cangaço, com destaque para a figura do cangaceiro Lampião.

“Os folhetos da literatura de cordel contando histórias fantásticas de algum acontecimento ou figura do folclore regional são peças vendidas em feiras livres, ao lado de

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Comunicação Social/jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba.  
barrosjosias@yahoo.com.br

abanos, candeeiros, chocalhos, selas, balaios e tantas outras alegorias desse misto cultural” (MARIANO NETO, 2001, p.156).

Os cordéis, folhetos e livretos possuem uma carga simbólica que nos remetem a uma visão positivista do Nordeste do Brasil. Ao mesmo tempo, as características de tais traduções culturais estão relacionadas a uma tradição oral, em que a sua forma escrita busca preservar a oralidade do povo sertanejo, devido ao fato do cordel ser feito não apenas para ser lido, mas sim para ser ouvido e construído por quem produz, do povo e para o povo.

Atuando na vida cultural nordestina, o poeta de cordel expressa, em seus folhetos, sua sensibilidade diante do mundo. Ele também imprime, nesses poemas, de forma crítica ou mesmo conservadora, características próprias de seu fazer poético. Um fazer calcado em experiências de vida, que se materializam nos textos e nos versos, através da representação, interpretação e compreensão do cotidiano de homens e mulheres comuns (ARAÚJO, 2007, p.23).

Nestas perspectivas, a estrutura socioeconômica do país, as políticas governamentais e a presença dominante do latifúndio e do “coronelismo”, que mantinham os trabalhadores rurais numa condição de semi-servidão, eram agravadas nos longos períodos de estiagem, as secas. Nestas épocas, mesmo o trabalho de agricultura e pecuária era profundamente afetado, o que agravava as dificuldades dos trabalhadores rurais nordestinos, principalmente no Sertão.

A partir deste contexto sociocultural, o personagem Lampião cumpre papel de bandido e/ou justiceiro que povoou o sertão nordestino de 1922 a 1938, no momento em que trava uma luta contra as adversidades climáticas e econômico/sociais. Pois, esta época a escolha pela vida de bandoleiro podia ocorrer a partir de uma ofensa vingada e seguida de perseguição policial. E o isolamento do vingador, nestes casos, era fatal. O que fazia buscar se fortalecer junto a um protetor respeitado e, assim, a opção mais concreta era “cair no cangaço” e fazer parte de um bando.

Neste sentido, a vida do cangaceiro seguia um trajeto aventureiro, ousado, incerto, perigoso para si e para quem fosse considerado inimigo. E esta epopeia era traduzida em versos pelos cordelistas que saíam de fazenda em fazenda narrando os feitos dos cangaceiros valentes e/ou sanguinários (descrições feitas a partir de um contexto de interesses e subjetividades). Ou seja, uma contextualização da realidade a partir do surrealismo.

À luz destas considerações, a escolha desta temática se pautou mediante o fato de normalmente encontramos nas livrarias e bibliotecas diversas obras relacionadas ao cangaço, sejam elas: biografias, em especial de Lampião, estudos voltados à questão histórica do Nordeste e surrealismos, como no caso do cordel e das descrições de Ariano Suassuna, em *A*

*Pedra do Reino* (2005). Porém, não é comum encontrar textos que configurem uma vertente explicativa a respeito da construção da figura do cangaceiro Lampião na literatura de cordel, devido à complexidade sociocultural em que se encontra inserido o autor/cordelista.

Neste viés, este artigo objetiva analisar o processo de construção do perfil do cangaceiro Lampião perante o surrealismo da literatura de cordel, ao mesmo tempo em que busca verificar a concepção da literatura de cordel, enquanto narrativa de comunicação.

O diferencial do trabalho está no fato de tentar desmistificar os pontos mais sociais que são ocultos nas obras que dizem respeito ao misto do cangaço, nos cordéis. Nesse momento, procuraremos, também, averiguar a epopeia que marcou época no imaginário popular, e que misturou barbárie e heroísmo na mente do povo nordestino.

A virtuosidade e o talento dos poetas populares do Nordeste brasileiro eclodiram e persistem nessa região cuja cronologia é a das secas e das inundações, das grandes fomes históricas, ou das fomes mudas, cotidianas e crônicas, onde o analfabetismo e o subdesenvolvimento econômico sustentam-se um ao outro, onde a fome de pão muda-se em fome de vida e a espontaneidade poética parece nascer da dificuldade de sobreviver. Por ser não só o testemunho, mas também o representante dessa realidade dolorosa, o poeta popular não saberia retratá-la sem que o quadro fosse ao mesmo tempo requisitório (...). O poeta é a voz do silêncio (KUNZ, 2001, p. 60-61).

Desta forma, os cordelistas, por meio de seus relatos noticiosos, imortalizaram a figura do cangaceiro Lampião, tornando-o “herói” nacional ou o aterrorizador dos sertões. O fato é quase que unanimemente todos os cordelistas escreviam e escrevem sobre a vida do cangaceiro em questão. Diferentemente de outrora, os relatos atuais já não mais possuem teor jornalístico, mas representação cultural de uma região, e/ou narrativas que compelem a desconstrução de um perfil mais heroico ou vingador do cangaceiro. Um jogo de contrastes.

## **2 UM OLHAR SOBRE O CORDEL ENQUANTO NARRATIVA DE COMUNICAÇÃO**

Entre as diferentes manifestações culturais e históricas da região nordestina, está a literatura de cordel, que propaga os aspectos folclóricos, na medida em que expõe diversos costumes, personagens (sejam eles imaginários ou reais), crenças, fábulas, histórias e tradições. E, para tanto, se utiliza de uma linguagem variada. Em alguns casos, utilizando-se do humor e da sátira, para expor seus objetivos. Isto é, para abordar diversas temáticas do cotidiano das pessoas (SILVA, *etal.*, 2010, p.7).

Nosso estudo está relacionado à complexidade que a figura do personagem Lampião assume no contexto social do Nordeste brasileiro, à luz da Literatura de Cordel. Neste caso,

nos pautamos em alguns discursos da literatura popular para tentar compreender a antologia do cangaço enquanto narrativa de comunicação. E nos respaldamos nos artistas populares, em especial aqui, o cordelista – aquele que escreve a Literatura de Cordel – para nos aproximar dos arquétipos do exorcismo do cangaço que conferiu a Lampião a estátua de herói/bandido, ou seja, um ícone nacional.

Através do cordel, o poeta põe em relevo desde as agruras do povo nordestino, que se materializam através da fome, de tensões sociais, de pobreza e de dificuldades de condições sociais, até a riqueza artística e cultural, imanescentes ao povo da região. Mesmo diante das adversidades, o poeta de cordel não perde de vista sua sensibilidade poética, o que lhe permite inventar e reinventar, no texto cordelino, o que percebe no mundo social e o que compreende dele, de modo a levar ao seu público os dilemas que nele existem, sem, no entanto, deixar de imprimir aos versos uma beleza estética (ARAÚJO, 2007, p. 23-24).

Diante da materialidade dos folhetos de cordel identificamos um discurso representativo dos temas mais vivenciados pelos atores nordestinos. “Esta realidade reflete as vivências, a imaginação, a fé, a devoção do povo nordestino e, por conseguinte, possibilita a investigação dos mais diversos processos culturais” (SILVA, *et al.*, 2010, p.6). Haja vista que nos estudos sobre o cordel cada procura traz marcas da época em que se foi feito.

Desde o ciclo do cangaceiro transformado em herói ou com a sua revolta justificada, até a atual substituição das aventuras daqueles personagens “por estórias de sertanejos valentes, ao mesmo tempo em que os reis foram transformados em fazendeiros ou senhores de engenho” e os encontros com a polícia “em luta com vigias e capangas”, há indícios de uma reação, que situa – “contra a aplicação da justiça no interior brasileiro” e contra a polícia, “às vezes com métodos muito mais nocivos do que dos próprios cangaceiros” (BELTRÃO, 2001, p. 153-154).

Desta feita, a poesia do cordel é contada em forma de verso, porém com toda uma ideologia simbólica da tradução de um território secularmente reconhecido pelos desacertos sociais, pelas secas permanentes, pelas peculiaridades locais e pelo dualismo social, o território nordestino. Seria, “o jornal dos que não lêem jornais, isto é, fonte primária de informação para muitos e, para os ‘adeptos da poesia’, uma revisão dos fatos” (LUYTEN, 1992, p. 49). De acordo com Silva (2008), uma forma de tradução da vida e de valores nordestinos, ou melhor, as vozes e (inter) discursos que constituem as representações sociais.

A comunicabilidade dos folhetos agregava pessoas e, com isso, eram disseminadas informações sobre uma variedade de assuntos. O cordel, além de ser utilizado como deleite, funcionava, sobretudo, como uma forma de ensinar



para o povo um conhecimento que provinha dele mesmo (ARAÚJO, 2007, p.26).

Compreendemos o cordel como a conectividade para a rede da memória, reflexo da escolha coletiva, como também narrativas de reportagens de época protagonizadas por um poder paralelo ao Estado, o poder dos cangaceiros. Portanto, o cordel seria o elemento representativo da cultura popular nordestina, já que, em nosso caso, temos uma ideia baseada na subjetividade e na identidade do narrador, o cordelista, que reportou as aventuras do cangaceiro Lampião num complexo dualismo de imagem social (vingador/justiceiro, herói/bandido), diante da condição teatral do palco místico chamado Sertão.

Quase nenhum dos grandes bandidos da história sobrevive ao traslado da sociedade industrial, exceto quando são praticamente contemporâneos dela, ou quando já foram previamente embalsamados para a viagem no tempo – a literatura. Folhetos sobre Lampião são hoje impressos entre os arranha-céus de São Paulo, pois cada um dos milhões de migrantes de primeira geração do Nordeste do Brasil conhece a vida do grande cangaceiro morto em 1938. (HOBSBAWM, 1975, p.134).

Segundo Barros (2009), os cordelistas misturavam situações reais do bando de Lampião, como no caso de encará-lo como um herói ou bandido, com o imaginário popular, e fábulas e fantasias se misturavam para enriquecer os relatos e cantorias. Assim, a disseminação dessa literatura, sobretudo, no que tange às áreas rurais do sertão nordestino representa um papel informativo, uma vez que a maior parte dessa região não tinha acesso aos jornais. E “a interpretação jornalística dos poetas do povo está ligada a indissolubilidade entre eles e o público; por isso é mais fecunda do que o jornalismo ‘ortodoxo’” (BELTRÃO, 2001, p. 156).

Os folhetos, pertencentes à Literatura de Cordel, são o jornal, o romance do trabalhador da zona rural [...] Narram feitos de heróis ladinos [...] Falam de sertanejos valentes e da vida de cangaceiros célebres, contam estórias de Trancoso, apresentam romances de amor de final feliz, registram acontecimentos importantes da região [...] Neles estão registrados as impressões do povo a respeito de acontecimentos sucedidos no município, no Estado, em todo país... A maneira de ver e analisar os fatos sociais, políticos, religiosos da gente rude... Denunciando costumes, preferências e julgamentos (BELTRÃO, 2001, p. 155).

De acordo com Luyten (1992), o cordel se assemelha ao jornal tradicional. Pois, as notícias veiculadas pelos folhetos têm atualidade (com decodificador popular para o próprio meio), periodicidade (quase todos os cordéis eram publicados sistematicamente, salve

algumas exceções), universalidade (o poeta escreve para seu público e sobre aquilo que ele julga interessá-lo) e difusão coletiva (pode-se dizer que pelo menos o público diretamente interessado é atingido pelos distribuidores dos folhetos).

Com frequência, vemos que o poeta procura sua versão, a partir do noticiado ou ocorrido e nessa decodificação é que ele encontra utilidade de executar conscientemente o seu papel de decodificador popular. É a sua versão que vai importar, em última instância, para o leitor específico de seus folhetos. A credibilidade vem com o meio e num segundo momento, com o nome do versejador (LUYTEN, 1992, p. 42).

A literatura de cordel consiste, portanto, num recurso de comunicação popular, uma vez que aborda fatos do dia a dia das pessoas e, sobretudo, retrata aspectos culturais de determinada região. “O poeta-jornalista resume, sintetiza, com o mesmo objetivo: tornar acessível à compreensão da massa rude um tema difícil que, na linguagem oficial, ficaria ignorado” (BELTRÃO, 2001, p. 159). Portanto, de acordo com Silva (2008), no âmbito discursivo, as condições de produção envolvem uma conjuntura social, cultural, política, histórica e ideológica; na situação enunciativa, implicam um sujeito que fala ao outro, via cordel.

A literatura de cordel funda-se numa arte poética que retrata as raízes nordestinas e, ao mesmo tempo, retrata a realidade e a ficção. Os temas abordados envolvem desde a ficção até temas de cunho social, discutidos pela sociedade. Entre eles, podemos destacar: histórias de amor e aventuras (heroísmo), histórias fantásticas, biografias, fome, violência, acontecimentos políticos, assassinatos de pessoas famosas (Getúlio Vargas e Tancredo Neves), problemáticas sociais, etc. Entretanto, se destacam os temas relacionados à cultura nordestina, tais como: costumes, a religião (fazendo alusão a Padre Cícero e Frei Damião), cangaço (fazendo referência a Lampião), etc. (SILVA, *etal.*, 2010, p.7).

Segundo Araújo (2007), “nas complexas redes de relações sociais e culturais tecidas no cotidiano, os saberes e as práticas produzidos pelos sujeitos sociais encontram no cordel sua visibilidade, pois essa forma de poesia narrativa em verso fala, quase sempre, das pessoas ordinárias, comuns e de suas vivências” (ARAÚJO, 2007, p. 30). O cordel, representação do Nordeste, fala de sua gente, de seu sofrimento, de suas humilhações, de seus sonhos. Há muito tem influenciado romancistas brasileiros, a exemplo de José Lins do Rego, “Cangaceiros” (1953); de Graciliano Ramos, “Vidas Secas” (2000); e de Ariano Suassuna, “A Pedra do Reino” (2005).

Ao fornecer meios para a interpretação e compreensão da sociedade, o cordel tem representado não só o Nordeste, mas também, o Brasil, através dos conteúdos que tematiza. Têm sido múltiplos os caminhos dos folhetos de cordel, porque elaboram desde histórias fantasiosas, passando por aquelas em que os poetas populares ainda se pautam numa visão mais conservadora da sociedade e da cultura, até outras que apresentam uma postura mais crítica do mundo e da vida (ARAÚJO, 2007, p. 214).

Numa esfera mais ampla, podemos interpretar que Lampião continua vivo na memória dos literatos. Para o nordestino pobre, no sentido intelectual, pode ser um herói, um paladino da justiça, ou metaforicamente, um Robin Hood da Caatinga sertaneja, já que nos discursos da literatura popular há a possibilidade de interpretação do surrealismo as situações reais.

## 2.1 Pressupostos metodológicos

Neste artigo, utilizamos a análise de discurso enquanto método de trabalho, haja vista que se trata de um método que tem por base a análise da linguagem. Assim, procuramos analisar alguns significados implícitos nos discursos dos cordelistas quando narram a complexa dualidade da figura do personagem Lampião, no contexto territorial do Nordeste brasileiro. De acordo com Orlandi (2004), a linguagem não é só usada com o objetivo de comunicar e informar literalmente as informações, ela funciona na relação com o político, com a subjetividade, com a ideologia.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Para Bakhtin (2003), o ser humano, em qualquer atividade, serve-se da língua segundo sua intencionalidade e, de acordo com uma finalidade específica, constrói enunciados que se realizarão de diversas maneiras. Neste sentido, pensamos no cordel como expressão jornalística, por volta da primeira metade do século XX (período de ascensão do cangaceirismo), como sistema de leitura da realidade.

De acordo com Gregolin (2003), é importante que sejam considerados os sujeitos, neste caso os cordelistas, em suas intenções na construção e/ou produção da linguagem. Afinal, “o discurso é construído sobre um inasserido que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva (GREGOLIN, 2003, p. 27).”

Vale salientar que existe um grande número de títulos de cordel referentes à Lampião que nos remete ao valor explicativo em relação à representatividade do fascínio que os feitos, verdadeiros ou fictícios, do “rei do cangaço” exercem sobre os nós, leitores do cordel. Não obstante, analisamos um *corpus* de cinco cordéis, através do método de Análise de Discurso, para assim podermos encontrar os fatores socioculturais que estão implicitamente contidos nas narrativas sobre os episódios protagonizados pelo cangaceiro Lampião.

Uma das conclusões da metodologia é certamente esta: não faz sentido buscar cientificidade por ela mesma, porque método é apenas instrumento. Faz sentido, isto sim, fazer ciência para conseguirmos condições objetivas e subjetivas mais favoráveis de uma história muito mais humana (DEMO, 1995, p.260).

Nosso objeto de análise são os seguintes cordéis: *A chegada de Lampião no inferno*, PACHECO (1923), *A chegada de Lampião no céu*, VIEIRA (1997), *A História Completa de Lampião e Maria Bonita*, RINARÉ E VIANA (2006), *Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita*, Apolônio Alves dos Santos (2010) e *Lampião: herói de meia tigela*, de MONTEIRO (2010).

Mediante o exposto, tais documentos representam fontes de grande relevância para a nossa investigação científica, o que vai possibilitar uma análise crítica para constituir um fio condutor do assunto abordado. Pois, nessa modalidade de pesquisa a especificidade das ações, as perspectivas e significado dos atores sociais são considerados. Entretanto, acreditamos que: “Em questão de método, aliás, nada se pode fazer que não seja provisório, pois os métodos mudam à medida que a ciência avança” (DURKHEIM, 2001, p. 16).

Vale salientar, seguindo a ótica de Orlandi (2004), que o estudo discursivo considera não apenas o que é dito em dado momento, mas com o que já foi dito antes. Neste caso, procurarmos buscar, nas entrelinhas e nas subjetividades dos discursos dos cordelistas, os significados sociais que traduzem a realidade de uma época.

Num primeiro momento, lançamos olhares sobre o cordel enquanto leitura/descrição de realidade, e assim, verifica-lo enquanto narrativa de comunicação. Em seguida, analisamos o cangaço no âmbito da literatura de cordel para daí averiguar os traços discursivos do cordelista diante da construção do perfil dualista do cangaceiro Lampião.

Vale salientar que a contribuição deste artigo é interdisciplinar, haja vista que envolve os campos da literatura, da comunicação, da história, da geografia, da sociologia, da antropologia, entre outras ciências humanas. Nesta perspectiva, nosso trabalho é uma contribuição no contexto de análise discursiva da extensa epopeia do cangaço.

Diante do exposto, este artigo busca no surrealismo da literatura de cordel uma resposta para a complexidade que a figura de Lampião assume no contexto do Nordeste a partir da seguinte questão problema: como é a imagem de Lampião nas narrativas de cordel?

### **3 O CANGAÇO NA LITERATURA DE CORDEL: Perfil dualista de Lampião**

A Literatura de Cordel está associada à ideia de jornal do povo sertanejo devido à característica de ser uma narrativa de fatos corriqueiros das cidades e dos povoados do Nordeste. O teor jornalístico caracteriza-se por apresentar a descrição de um fato (a investida dos cangaceiros, por exemplo) tomado como verídico (os autores insistem que suas histórias são verdadeiras) e proveniente de uma fonte segura.

A Literatura de Cordel Noticiosa cumpre plenamente a função jornalística. E no Brasil a tendência cultural é de preferir comunicações orais às escritas, sendo que o cordel é um estágio quase intermediário entre a oralidade e os sistemas de comunicação letrada, uma vez que *é poesia que deve ser lida em voz alta ou cantada* (LUYTEN, 1992, p. 171).

O banditismo do interior do Nordeste brasileiro tornou-se um marco sociocultural para a história da região. Os cordelistas foram os maiores divulgadores das façanhas dos cangaceiros, principalmente do personagem Lampião. O principal intuito destes artistas populares era levar a informação de forma divertida e diferenciada (tirando da alma a arte para perpetuar a sabedoria popular) para milhares de pessoas que dispunham apenas de conversas entre vizinhos para manterem-se informados. Ou seja, faziam o papel de repórteres/jornalistas, com narrativas apoiadas em seus imaginários, em suas condições sociais, de forma a endeusar ou endiabrar a figura do rei do cangaço.

O fundo maniqueísta primitivo das antigas obras literárias sobre o cangaço e a candidez “matuta” dos artistas populares do Nordeste transformou o cangaceirismo numa fantasia contada em forma de lenda. Pois o que mais interessava ao artista popular era a imagem popular do “bandido”. Assim, a história do mais famoso cangaceiro do Brasil, Lampião, foi associada ao imaginário popular, na construção de um herói – tirar do rico para dar ao pobre, uma espécie de Robin Hood da caatinga, porém sem a consciência social.

A Literatura de Cordel passou, constantemente, fazer alusão ao contexto histórico de Lampião com todas as “aventuras” em forma de lenda, sendo a realidade ou fantasia, fruto da opinião pública nordestina. Nessa situação, o que mais interessava aos cordelistas era a imagem popular do “bandido”. Diziam ter Lampião altas habilidades, ou seja, um superdotado

de inteligência, bravura e humor perverso. Assim também seria um homem que se “encantava” (tinha o poder de “desaparecer”), que tinha proteção do "além".

Os cordelistas misturavam situações reais do bando de Lampião para enriquecer os relatos e cantorias. Desta forma, imortalizaram a figura de tal cangaceiro, com toda sua complexidade. Pois, foi no cangaço que Lampião “se tornou rei absoluto e que lhe forneceu o passaporte para a imortalidade pelas vias da história, da literatura e do folclórico” (MELLO, 1993, p. 96).

Nosso Deus Onipotente  
Traga-me a luz infinita  
Para buscar na memória  
Minha pena precipita  
E busco a inspiração  
Pra falar de Lampião  
Com sua Maria Bonita

De modo particular  
Meu gênio poético quis  
Nestes versos relatar  
A sina um tanto infeliz  
Do bravo cabra da peste  
O qual viveu no Nordeste  
Aqui do nosso País...

(Rinaré & Klévisson Viana, *A História Completa de Lampião e Maria Bonita*, 2005).

De injustiçado a bandido. Essa foi a travessia que muitos nordestinos fizeram. Como tantos outros personagens do Nordeste, a trajetória de um dos maiores cangaceiros da história nordestina, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, se pautou em condições complexas.

O perfil do cangaceiro Lampião construído na literatura de cordel está relacionado às subjetividades do poeta cordelista. Para alguns, Lampião foi “rei”, justiceiro, vingador, “herói”, bandido, enfim, um jogo de complexidade que mexe com o imaginário popular. Daí a dualidade de seu perfil no âmbito da literatura.

### **3.1 Construção de um perfil mais justiceiro/vingador e menos desordeiro**

A imagem de Lampião é descrita/construída por diferentes óticas. Ela tem significativa evidência no cenário regional e nacional, não apenas através da literatura elaborada a respeito, mas também através dos cordéis. O que fez com que a difusão entre as camadas populares do

Nordeste fosse mais evidente nas aproximações do bem e do mal, Deus e o Diabo, elementos marcantes no cotidiano sertanejo.

Os poemas literários dos grandes cordelistas com menções a sentimentos como o fatalismo, o pronunciamento do bem e do mal, Deus e o Diabo, a presença quase viva do Demônio nas relações cotidianas, são em alusão ao Sertão como inferno, isso devido às condições climático/sociais, já que no imaginário popular o inferno seria quente e o "cão" seria mau: o diabo apresenta características, comportamento e linguagem própria dos "coronéis", sendo o céu, o Sertão em tempos chuvosos com as boas condições de fartura, boas colheitas e gado gordo.

Foi numa Semana Santa  
Tava o céu em oração  
São Pedro estava na porta  
Refazendo anotação  
Daqueles santos faltosos  
Quando chegou Lampião.

Sou o Capitão Virgulino  
Guerrilheiro do sertão  
Defendi o nordestino  
Da mais terrível aflição  
Por culpa duma polícia  
Que promovia malícia  
Extorquindo o cidadão.

Por um cruel fazendeiro  
Foi meu pai assassinado  
Tomaram dele o dinheiro  
De duro serviço honrado  
Ao vingar a sua morte  
O destino em má sorte  
Da 'lei' me fez um soldado.

Mas o que devo a visita  
Pedro fez indagação  
Lampião sem bater vista:  
Vê Padim Ciço Romão  
Pra antes do ano novo  
Mandar chuva pró meu povo  
Você só manda trovão.

Pedro disse:  
É malcriado  
Nem o diabo lhe aceitou  
Saia já excomungado  
Sua hora já esgotou  
Volte lá pro seu Nordeste

Que só o cabra da peste  
Com você se acostumou.

(Guaipuan Vieira, *A chegada de Lampião no céu*, 1997).

Ao falar de Lampião em seus versos de cordel, Guaipuan Vieira reporta sua visão de nordestino. Neste caso, a identidade que ele cria no cordel em torno de Lampião é a de um homem forte, bravo, considerado injustiçado socialmente. Ressaltamos que o Nordeste, na visão dos poetas cordelistas, é visto através do prisma do misticismo religioso e dos desacertos sociais. Como uma região penalizada pelas intempéries da seca, refugiada na religiosidade popular. Região de homens como Lampião que mostraram sua resistência diante das adversidades de condições de vida na região.

De acordo com Beltrão (2001), o Rei, personagem todo poderoso, senhor de riquezas e terras, comandantes de exércitos e distribuidor de benesses e castigos, quase sempre apresentado como o ‘Demônio’ nos versos de cordel, é substituído pelo “coronel do sertão”.

É evidente que essa substituição se faz intencionalmente, com um sentido de protesto, de denúncia, de apelo à luta, dirigidos a todos os “amarelinhos”, para que sigam a ação do novo herói, que derrota o senhor, que lhe toma as terras e os bens, distribuindo-os equitativamente para promover o que consideram justiça social (BELTRÃO, 2001, p. 155).

No plano material, a insatisfação com as condições de vida e trabalho do Nordeste, no tempo de Lampião, constituía-se fermento para a eclosão de movimentos de revolta e rebeldia, quando fatos de natureza corriqueira, como disputa por fronteira de terras, desaparecimento de bezerros ou uso de água por pessoas de propriedades vizinhas, ocorriam, poderiam tornar-se fatores de brigas e mortes. Todavia, cada cangaceiro teve suas razões particulares para a vida errante que decidiu levar. Porém, subjacente a estas razões, sempre existiu a situação sócio/econômica.

Segundo Melo (1993), os cangaceiros diziam que morrer no sertão não tinha mistério. Às vezes seria até um agrado dos céus. Pois seja em um ano, dois, tanto fazia, no Sertão não se esperava para viver outra semana, mais um mês e já estavam satisfeitos. Na vida do cangaço, a sobrevivência seria pela graça de Deus e dos Santos. A morte poderia acontecer a qualquer hora. Naquele estado de coisas, o banditismo apresentava-se como uma forma de resgate de uma vida de trabalho pesado, submissão e pouca esperança de mudança.

As variadas formas de veiculação e comunicação dos ideais sobre vingança e violência contidos no fenômeno cangaço estão sujeitas às transformações complexas pelas quais passa a



história sociocultural do Nordeste. Neste sentido, a imagem de um cangaceiro pode ser pautada em uma complexidade de estigmas, variando em diferentes discursos.

Neste sentido, José Pacheco, em *A chegada de Lampião no inferno* (2007), constrói uma imagem dualista. A princípio o autor narra a epopeia do cangaço como mero grupo de desordeiros, detentor do terror, que ao entrar no inferno (caracterizado como lugar de pessoas de índole negativa) o pânico se instala pelos personagens nele existente:

E foi quem trouxe a notícia  
 Que viu Lampião chegar  
 O inferno nesse dia  
 Faltou pouco virar  
 Incendiou-se o mercado  
 Morreu tanto cão queimado  
 Que faz pena até contar...

Morreram 100 negros velhos  
 Que não trabalhavam mais  
 Um cão chamado Trás-cá  
 Vira-volta e Capataz  
 Tromba Suja e Bigodeira  
 Um cão chamado Goteira  
 Cunhado de Satanás

O vigia disse  
 A Satanás, no salão:  
 \_Saiba vossa senhoria  
 Que aí chegou Lampião  
 Dizendo que quer entrar  
 E eu vim lhe perguntar  
 Se dou ingresso ou não?

Não senhor, Satanás disse,  
 Vá dizer que vá embora  
 Só me chega gente ruim?  
 Eu ando muito caipora  
 Estou até com vontade  
 De botar mais da metade  
 Dos que têm aqui pra fora!

Quando Lampião deu fé  
 Da tropa negra encostada  
 Disse: \_Só na Abissínia  
 Oh! Tropa preta danada  
 O chefe do batalhão  
 Gritou: \_As armas todas na mão  
 Toca-lhe fogo, negrada!

Houve grande prejuízo  
 No inferno nesse dia  
 Queimou-se todo dinheiro  
 Que satanás possuía  
 Queimou-se o livro dos pontos  
 Perderam seiscentos contos  
 Somente em mercadoria.

(José Pacheco, *A chegada de Lampião no inferno*, 2007).

Seguindo uma linha de tradição religiosa, o enunciador expõe que a violência encontra-se atrelada a um imaginário religioso que naturaliza e diviniza as relações sociais. O cangaceiro passa a ser, portanto, um bandido, porque já nasceu assim: o bandido apresentou-se com o seu instinto malvado, na sombra da injustiça, trilhando seu destino para o mal. Então, podemos interpretar que essa divinização e naturalização, ancoradas em valores religiosos, fortemente arraigadas na sociedade sertaneja, alimentam a imaginação de um povo carente social e economicamente na construção de um “bandido mais humanizado”.

O homem nordestino sempre acreditou que Deus mandaria chuva para sua lavoura, para saciar a sede do seu gado. Essa crença, envolta na religiosidade sempre esteve presente nas conversas do homem do campo, que sempre clamava por Deus na esperança de chuva e por tempos melhores. Era um sertão penitente de desgraças, misérias e humilhações, sendo a devoção e a fé a principal “acolhedora” desses homens sem perspectivas sociais.

Nesta construção de sentido, o cangaço e o misticismo popular serviram para a configuração de vários estereótipos sobre o Nordeste, inclusive a de uma região pobre, decadente e envolta em miséria. Apesar das dificuldades inerentes à região, a geografia do Nordeste não é construída apenas pelas secas que assolam o Sertão. Existe a riqueza da paisagem e de outros tantos lugares que compõem esse recorte, como a riqueza cultural de sua gente. O Sertão seria o espaço de recepção do rejeitado, isolado socialmente, na defesa de seu território diante das resistências às secas prolongadas:

Lampião pôde pegar  
 Na caveira de um boi  
 Sacudiu na testa dum  
 Ele só fez dizer: \_Oi!  
 Ainda corre 100 braças  
 E caiu enchendo as calças  
 Mas eu não sei de que foi.

Reclamava Satanás:

\_ Horror maior não precisa  
 Os anos ruins de safra  
 E agora mais essa pisa  
 Se não houver bom inverno  
 Tão cedo aqui no inferno  
 Ninguém compra uma camisa.

Leitores vou terminar  
 Tratando de Lampião  
 Muito embora que eu não possa  
 Vos dar a resolução  
 No inferno não ficou  
 No céu também não chegou  
 Por certo está no sertão.

(José Pacheco, *A chegada de Lampião no inferno*, 2007)

O autor deixa transparecer que a vida errante no cangaço foi reflexo das circunstâncias sociais. Daí, ele mistura uma ideia de terror do cangaço (descrição) com as adversidades econômicas e morfoclimáticas. Usa o termo “caveira de boi” para referenciar os prejuízos provindos da seca, como mortes de animais diante da falta d’água.

Os versos de cordel nos remetem a uma análise dos fenômenos naturais que assolam o Nordeste: inverno e seca. O inverno, na realidade nordestina, é o período de chuva. Onde o trabalho de agricultura, fonte de sobrevivência dos menos favorecidos economicamente, é dependente da chuva. E os resultados da plantação ficam sujeitos às variações climáticas. No empirismo do Nordeste, mudança no tempo que remetam a chuva é compreendida como “*tá bonito para chover*”.

De acordo com Facó (1978), a seca conduz à alteração na vida das pessoas, visto que, diante de um meio ambiente geralmente diverso, onde as chuvas são ocasionais, e a maioria da população sobrevive da agricultura, a ausência de chuvas produz um efeito devastador sobre a vida de muitas famílias, restando muitas vezes à alternativa de abandono do seu lugar.

Seguindo a ótica do cordelista Pacheco, encontramos outros cordéis com as mesmas características discursivas no que tange a figura de Lampião como um bandido de caráter vingativo/social. Guaipuan Vieira, em *A chegada de Lampião no céu* (1997), trata o canaceirismo como um movimento de cunho social. Neste viés, Lampião representava, através do cangaço, o nordestino que, espoliado de suas condições, mostra sua força e luta contra as injustiças e adversidades da vida, transformando-se, muitas vezes, num bandido. Ele defende a imagem do cangaceiro Lampião de forma bastante evidente:

\_ Sei que sou um pecador  
 O meu erro reconheço  
 Mas eu vivo injustiçado  
 Um julgamento eu mereço  
 Pra sanar as injustiças  
 Que só me causam tropeço.

\_ Como fazem julgamento  
 Sem o réu estar presente?  
 Sem ouvir sua defesa?  
 Isso é muito deprimente  
 Você Pedro está mentindo  
 Disso nunca esteve ausente.

Sobre o batente da porta  
 Pedro bateu seu cajado  
 De raiva deu um suspiro  
 E falou muito exaltado:  
 Te excomungo Virgulino  
 Cangaceiro endiabrado.

Lampião vendo o afronto  
 Naquela santa morada  
 Disse: Deus não está sabendo  
 Do que há na santa morada  
 Bateu mão do rifle velho  
 Deu pra cima uma rajada.

(Guaiquan Vieira, *A chegada de Lampião no céu*, 1997).

A imagem que se constrói no discurso acima é que os valores de valentia, coragem e religiosidade contidos nos versos de cordel são elementos que conferem uma base de legitimidade social às ações violentas praticadas pelo cangaceiro Lampião, com o objetivo de punir, vingar ou defender sua honra. Nesse contexto, a violência constitui-se em um elemento que constrói e organiza a identidade do homem sertanejo, do cangaceiro e, em última instância, do nordestino.

Estruturalmente falando, as narrativas de cordéis aludem semelhanças e diferenças entre diferentes histórias. Identificamos sempre o papel do herói ou do vilão. Ao mesmo tempo, percebemos que não há um interesse em descrever os locais da narrativa (ficam por conta da interpretação dentro do surrealismo). No caso do cordel acima, o céu apresenta-se como palco da atuação do cangaceiro em seu julgamento moral e social. A atenção do leitor fica presa ao eixo central da trama com detalhes significativos, se Lampião chegou ao no céu, logo poderíamos absorver a ideia de que ele seria um justiceiro, um “herói”!

Diante dos discursos dos cordelistas, averiguamos que a fé e religiosidade do sertanejo sempre foi elemento marcante da cultura do Nordeste. Mesmo os cangaceiros com fama de cruéis e perversos tinham suas crenças, como a devoção ao Padre do Juazeiro, ou seja, um intenso respeito aos “homens de Deus”. Em grande parte, a crença do povo sertanejo era voltada em merecimentos após a morte, se fossem conformados durante a vida os tornavam submissos em nome da vontade divina. Os cangaceiros tinham sua fé em Deus, mas desacreditavam na humildade para conseguir entrar no céu.

Pedro desesperado  
Ligeiro chamou São João  
Lhe disse sobressaltado:  
Vá chamar Cícero Romão  
Pra acalmar seu afilhado  
Que só causa confusão.

Lampião tirou o chapéu  
Descalço também ficou  
Avistando o seu padrinho  
Aos seus pés se ajoelhou  
O encontro foi marcante  
De emoção Pedro chorou.

Ao ver Pedro transformado  
Levantou-se e foi dizendo:  
Sou um homem injustiçado  
E por isso estou sofrendo  
Circula em torno de mim  
Só mesmo lado ruim  
Como herói não estão me vendo.

(Guaipuan Vieira, *A chegada de Lampião no céu*, 1997).

O estilo adotado pelo cordelista, no trecho acima, no tocante à escolha pela vida de cangaceiro é justificado com o fato de que circula em torno de Lampião uma imagem negativa, a qual foi criada sem nenhuma relação de defesa. O autor usa artifícios psicológico/emocionais, descrevendo o ato de Lampião ficar de joelhos diante do Padre Cícero, e a emoção de Pedro diante daquela cena, para respaldar o lado religioso e social da vida do cangaceiro em questão.

Vale ressaltar que no interior nordestino, as crendices sempre estiveram presentes na forma de reverenciação do seu superior, o Divino, como no misticismo político do Sebastianismo. As ideias se impregnavam de um misticismo exaltado fabricando beatos e conselheiros no Sertão. Em pleno século XX, em Juazeiro, interior do Ceará, a figura do

Padre Cícero ainda polariza todas essas manifestações, que tiveram início com os movimentos messiânicos. Ainda nos dias atuais, testemunhamos manifestações de louvor e reverência a “homens santos” do Nordeste, como à figura de Frei Damião, mesmo que já se possa perceber o uso de sua fama e figura para fins turístico/comerciais e político/eleitoreiros.

Segundo Euclides da Cunha (1989), na região do Pajeú, em Pernambuco, os últimos rebentos das formações graníticas da costa se alteiam, em formas caprichosas, na Serra Talhada, e ergue-se um bloco solitário, a *Pedra Bonita*. Este lugar foi em 1837, teatro de cenas que recordam as sinistras solenidades religiosas dos Achantes: o sacrifício em holocausto de crianças para o desencanto do *amaldiçoado*.

A devoção e fé do homem sertanejo para com os que agiam em nome de Deus deram-se, principalmente, pela necessidade de sobrevivência. A fé, nesse contexto, dava aquilo que a sociedade não podia dar: uma esperança de solução para seus problemas. Neste caso, a configuração dos personagens baseia-se na apresentação dos seus atributos sociais. Porém, há uma relação pertinente no decorrer do enredo, na dualidade da figura do rico e do pobre, compreendidas a partir da tensão maniqueísta (bem e mal).

### 3.2 Construção de um perfil menos justiceiro e mais criminoso/desordeiro

Paradoxalmente aos discursos anteriores, alguns autores construíram uma imagem mais negativa do cangaceiro Lampião. Manoel Monteiro, por exemplo, encara o cangaceirismo como um mero movimento de desordeiros. Ele afirma que os cordelistas que “aplaudem” Lampião como um justiceiro é na busca do sucesso de público, já que ele não identifica nenhum teor justiceiro na figura do cangaceiro. E afirma que estes poetas populares apenas compactuam com criminosos. Diz ser “verdade” as narrativas de seus versos:

Todo cordel produzido  
Com, ou sem inspiração,  
Mostrando a VIDA e os CRIMES  
Do facínora Lampião,  
Não soube, ou fez-se esquecido,  
Que só aplaude bandido  
Quem admira ladrão.

Tem centenas de folhetos  
Sobre a vida dessa escória,  
Mas, se uns não dizem nada,  
Outros lhe cobre de glória;  
Sem pesquisa se diluem,

E, em nada contribuem  
Com subsídio para a história.

Ainda hoje a imprensa  
Toda hora e todo instante  
Procura justificar  
Conduta de meliante  
Do tipo de Lampião  
Dizendo que a exclusão  
É o fator dominante.

Só entrava no cangaço  
Quem odiasse a justiça  
Invejasse os bens alheios  
Fosse um servo de cobiça  
Beijasse os pés da maldade  
Amasse a perversidade  
Tivesse a mente enfermiça.

(Manoel Monteiro, *Lampião: herói de meia tigela*, 2010)

A imagem que se constrói no discurso acima é que Lampião era um meliante, um sertanejo frio, sem compaixão e perigoso, pois “só entrava no cangaço quem odiasse a justiça”. Esse discurso figurativiza o modo do sertanejo e a construção mitificada da figura de Lampião como um bandido perigoso e cruel, que somente os autores de índole semelhante seriam capazes de trata-lo como um vingador/justiceiro.

O autor supracitado tem visão relativamente conservadora. Encara o cangaceirismo como um desastroso surto de violência gerador de pânico. Inclusive, critica alguns representantes do Nordeste que reivindicam a construção de um monumento da figura de Lampião. Ele diz que isso seria adoração a um assassino. Afirma que alguns aditivos em prosa parecem, a seu ver, necessários para mostrar aos “poucos informados” que cordel pode falar de coisas sérias e, lembrar aos aficionados do cangaço que grupos de facções criminosas, como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV) estão de portas abertas para abriga-los.

O Rei, como alguns o chamam,  
Se foi rei foi da maldade  
Pois de viveu de sequestrar,  
Matar por perversidade;  
Quando o Diabo o levou  
Como herança só deixou  
Luto, tristeza, orfandade.

Por isso foi bom Angicos

Bom que tivesse João,  
 Foi bom que João tivesse  
 De um coiteiro indicação  
 Para sorrateiramente  
 Degolar, covardemente,  
 Os onze filhos do cão.

Depois desta introdução  
 Chamo o leitor e combino  
 Ir comigo a Vila Bela  
 (Cá no Sertão nordestino)  
 Aonde um guri ganhou  
 O nome de Virgulino.

Vila Bela foi crescendo  
 Passou a Serra Talhada  
 Cidade pernambucana  
 Hoje, muito divulgada,  
 Por ser um região,  
 Que viu nascer Lampião  
 Figura maldiçoada.

(Manoel Monteiro, *Lampião: herói de meia tigela*, 2010).

Para que a narrativa ganhe veracidade, é mencionado o lugar onde se passa a história. O autor põe em destaque um convite ao leitor a ir à cidade que nasceu Lampião, Serra Talhada, Pernambuco, encontrar indícios que remetam a uma figura aversiva por parte da população em relação ao perfil/imagem de tal cangaceiro.

O cordelista Manoel Monteiro problematiza a imagem de Lampião em meio à compreensão do que ele entende como culturalmente humano. Propõe novos olhares e conceitos mediante os processos identificatórios. Todavia, ressaltamos que, o homem se identifica como indivíduo pertencente a um grupo a partir de marcas culturais.

As formas de expressão artístico-culturais de um determinado sujeito somam-se às variadas expressões culturais disponíveis em um determinado contexto, pelas quais as sociedades dão sentido e refletem suas experiências. Nos versos que seguem, é perpetuada a tradição de que Lampião é um desordeiro. O autor usa a figura do Diabo para dar ênfase a imagem negativa do cangaceiro e seus comparsas:

Lampião quando viveu  
 Com seu grupo desordeiro  
 Não foi a toa que ele  
 Transformou-se em cangaceiro  
 Com seu gênio vingador



Tornou-se o maior terror  
Do nordeste brasileiro

Diz a lenda que os cristãos  
Quando aqui termina a vida  
Vão viver em outra esfera  
Numa área permitida  
Até purgarem os pecados  
Pra irem purificados  
Para a mansão concebida.

O diabo interessado  
Na mulher de Virgulino  
Chamou logo o “invisível”  
E o diabo quengo-fino  
Disse: vão na moradia  
De Virgulino e Maria  
Fazer o que determino.

Tragan Maria Bonita  
E Lampião eu não quero  
Que ele é muito perverso  
Muito pior do que Nero  
Já teve aqui uma vez  
E o que ele fez  
Nada bom dele eu espero.

(Apolônio Alves dos Santos, *Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita*, 2000).

Nesse discurso, evidencia-se a posição do enunciador que considera Lampião uma pessoa que fazia “mal”, que já esteve no inferno e não foi aceito. Todavia, é preciso salientar que essa atribuição de causalidade (do bem e do mal) encontrada no cordel não é um erro de lógica e nem do exótico. Trata-se de mecanismos de interpretação da realidade construídos através da cultura e da História e compartilhados em forma de um saber que diz algo sobre um estado da leitura da realidade.

Os casos de violência narrados nos folhetos podem ser compreendidos em função do contexto no qual ocorre a ação: são apresentados e representados como valentia, coragem, restabelecimento da moral e da ordem quando o ator é “bem intencionado” e procura defender-se ou quando procura vingar a morte de familiares. Nesses casos, o autor é um vingador, justiceiro, um herói, como no caso de Lampião.

Todavia, se o ato for compreendido como um atentado à lei, à tradição, ao patriarcado, a violência é representada como crime, delito, desacato a lei. O autor assume, então, o papel

do bandido cruel, um cangaceiro infame e perverso cujo caminho para a violência foi traçado pelo destino, como também foi o caso de Lampião.

Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo (LAPLANTINE & TRINDADE, 1997, p. 10).

Mediante o exposto, percebemos que o tempo não é considerado muito importante nas narrativas de cordel, e a maioria dos versos é escrita no passado. E a localização no tempo e no espaço fica por conta da interpretação do leitor. Porém, neste momento, o que nos teve significado foram alguns momentos da vida do personagem Lampião, com toda sua excentricidade, pois nós destacamos os traços mais sensacionalistas narrados pelos cordelistas, com as complexas atitudes comportamentais, do personagem em questão.

De acordo com Barros (2008), é o surrealismo, o mito e a lenda do cordel que constituem a dimensão sócio/cultural da força da literatura regionalista. Assim, o personagem Lampião assume relevante papel no *marketing* de representação do cangaço, nos relatos dos cordelistas. Não obstante, a literatura de cordel seria a tradução dos saberes do povo. Seria a própria memória humana, daí tais narrativas atravessarem o tempo e o espaço e nos trazerem hoje, revestidos de representações e territorialidades, em pleno século XXI, valores de uma realidade dos fins do século XIX e início do XX.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cordel, como meio de comunicação, configura-se por ser uma narrativa na qual o cordelista tem a pretensão de travar com o leitor uma conversa. A comunicação entre o sujeito social e o cordelista é marcada pela intencionalidade do cordelista em convencer o público a respeito da possível veracidade de suas memórias. O narrador/cordelista tenta traduzir a realidade de forma poética. O cordel seduz os leitores. É um recurso de fácil acessibilidade, baixo custo e de proximidade com a realidade cotidiana.

Os seres humanos precisam de pessoas como eles que lhes comuniquem, junto com a realidade, um determinado grau de confiabilidade. Por isso, somos leitores habituais de determinados periódicos, assistimos a certos programas e acreditamos em comunicadores específicos. Se nós fazemos, por que não o homem do povo? (LUYTEN, 1992, p. 159).

Nestas concepções, a dualidade que rege a construção da figura do cangaceiro Lampião na literatura de cordel é condizente com as questões subjetivas do autores/cordelistas. Percebemos que em suas atribuições, o valor representativo que a figura do cangaceiro exerce parte de uma raiz de contestação, de negação ao que está estabelecida no contexto social, da vida do nordestino. Assim, entendemos que a literatura de cordel é uma tradução dos saberes de um povo. A própria memória humana, daí tais narrativas serem carregadas de identidades e sentidos.

Interpretar é atribuir, explicar sentido, ao passo que compreender é saber como produzir sentido, é perceber as intenções. Ao considerarmos o sujeito inserido em formações discursivas que são determinadas sócio/historicamente, entendemos que sujeito e sentido se constituem reciprocamente. Assim, para interpretar e compreender, acionamos outros discursos, buscamos outras vozes, contamos com outros textos, mobilizamos diferentes posições ideológicas, conhecemos diferentes gêneros textuais. O que estamos defendendo é que ler não se resume a decodificar e buscar informações. (CRISTÓVÃO & NASCIMENTO, 2006, p. 45).

Ao mesmo tempo em que o ator/cordelista narra seus fatos, ele cria mitos ou lendas em torno dos acontecimentos sociais, como foi o caso do cangaço. O cordel contribui para a reelaboração constante do fenômeno cangaço e ajuda na construção da memória coletiva do povo do Nordeste no âmbito material da realidade social. Já que a memória popular preserva e transmite velhas narrativas e acontecimentos recentes que fica carregada pelo espírito da sociedade. Portanto, a literatura de cordel corresponde a um meio de comunicação, um elemento capaz de interligar a sociedade.

À luz destas considerações, identificamos que nos folhetos analisados existiam alguns tipos específicos de estórias e histórias na construção da imagem de Lampião: uma, na qual o cangaceiro é compelido a cometer crimes mediante as condições socioeconômicas. Outra é que Lampião era apenas um mero desordeiro que desafiava a ordem estabelecida pelo Estado. Atrelado a estas questões, estão às questões religiosas, nas quais o céu e o inferno, elementos presentes na cultura nordestina, é que posicionam a valorização moral do cangaceiro.

Na questão material das ações, em 28 de julho de 1938, com a morte de Lampião, o ciclo do cangaceirismo sofreu seu mais duro golpe, encerrando essa epopeia nordestina. Segundo Hobsbawm (1975), na imagem literária do bandido social existe muito mais do que a documentação da vida contemporânea em sociedades atrasadas, ou anseio por aventuras, ou

perdas inocências nas adiantadas. Existe aquilo que fica quando eliminamos a moldura local e social do bandoleirismo: uma emoção permanente e um papel permanente.

Lampião continua vivo na memória dos literatos. Para o nordestino pobre é um herói, e continuará a sê-lo, o paladino da justiça, o Robin Hood da caatinga sertaneja, sem a plena consciência social. O “bandido não só é um homem, como também um símbolo”. (HOBBSAWM, 1975 p.128). Símbolo distorcido de uma reação a uma situação real. Lances de coragem, ações e grande estratégia revelavam enorme inteligência. Ele vivenciou sua condição de lenda em plena juventude.

## RESUMEN

El cordel, como medio de comunicación, configurase por ser una narrativa en la cual el cordelista tiene la pretensión de trabar un diálogo con el lector. La comunicación entre el sujeto social y el cordelista es marcada por la intencionalidad del cordelista en convencer al público a respecto de la posible veracidad de sus narrativas. Así, el objetivo de este artículo es analizar el proceso de construcción del perfil del cangaceiro Lampião delante de la literatura de cordel, mientras narrativa de comunicación. Para tanto, se parte del método de análisis del discurso, haya vista que se trata de un método que tiene por base el análisis del lenguaje, que funciona en la relación con el político, con la subjetividad y con la ideología. En estas concepciones se identifica que la dualidad que rige la construcción de la figura del cangaceiro Lampião en la literatura de cordel es coherente con las cuestiones subjetivas de los autores/cordelistas. Por consiguiente, para algunos, Lampião fue “rey”, justiciero, vengador, “héroe”, para otros, un bandido sanguinario y pendenciero. Un juego de complejidad que mueve el imaginario popular.

**Palabras-llave:** Literatura de cordel, narrativa de comunicación, perfil de Lampião.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Patrícia Cristina de. **A Cultura dos Cordéis:** território(s) de tessitura de saberes. [Tese de doutorado]. João Pessoa, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Josias Silvano de. **Lampião:** Memórias e Estórias. [Monografia]. CCH/UEPB, Guarabira, 2008.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** Ed.: EDIPUC: Porto Alegre, 2001.

BRASIL, Alexia. **Cordel, memória e comunicação em rede.** [Tese de doutorado], Programa de estudos pós-graduados em comunicação e semiótica. PUC-sp, 2006.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. *Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo.* In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITTO, K. S. (Org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões, Campanha de Canudos.** 36ª edição. Brasília/DF: Ed. Francisco Alves, 1989.

DEMO, Pedro. **Introdução a Metodologia da Ciência.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos.** Ed. Civilização Brasileira. 5ª edição. 1978 [S.L.].

HOBSBAWM, E. J. **Bandidos.** Ed. Forense\_universitária. Rio de Janeiro, 1975.

LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel.** São Paulo: Estação Liberdade 1992.

KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso.** Fortaleza/CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, v. 6).

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário: Memória Cultural, Natureza e Submundialização.** João Pessoa/PB, 2001. Ed. Universitária/ UFPB.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião.** Ed. Stahl. Recife/Pe, 1993.

MONTEIRO, Manoel. **Lampião: herói de meia tigela.** Campina Grande/PB, 2010. (Cordel).

ORLANDI, Eni P. **Linguagem, ciência, sociedade: o jornalismo científico.** *In Cidade dos Sentidos.* Ed. Pontes: Campinas, SP, 2004.

PACHECO, José. **A Chegada de Lampião no Inferno.** [S.L : S.N., 19\_ \_?]. (Cordel).

RAMOS, Gracilimos. **Vidas Secas.** Ed. Record. 79ª tiragem. Rio de Janeiro- São Paulo, 2000.

REGO, José Lins. **Cangaceiros.** Romance. Ed. Olympio. Rio de Janeiro, 1953.

RINARÉ, Rouxinol; & VIANA, Antonio Klévisson. **A História Completa de Lampião e Maria Bonita.** 6ª edição. Ed. Tupynanquim. Fortaleza/ CE, 2005. (Cordel).

RINARÉ, Rouxinol; & VIANA, Antonio Klévisson. **A História Completa de Lampião e Maria Bonita.** 6ª edição. Ed. Tupynanquim. Fortaleza/ CE, 2005. (Cordel).

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Lampião vai ao inferno buscar Maria Bonita,** 2000. (Cordel).

- SUASSUNA, Ariano. **A Pedra do Reino**. Ed. José Olympio. 5ª edição. Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, Silvio Profirio da. *etal...* **Literatura de Cordel**: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade... Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.
- TRINDADE, Liana Sálvia; LAPLANTINE, François. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- VIEIRA, Guaipuan. **A chegada de Lampião no céu**. [S.L : S.N.], 1997. (Cordel).